

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

Delir Corrêa
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto Remanescentes de Manguinhos

Depoente: Delir Corrêa Gomes Maués da Serra Freire (DC)

Entrevistadores: Laurinda Rosa Maciel (LM) e Pedro Jurberg (PJ)

Data: 16/03/2018

Local: Laboratório de Helminologia/IOC/Fiocruz – Rio de Janeiro

Duração: 53m

Transcrição: Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade: Gabriel Vettorazzi Mota

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

CORRÊA, Delir. *Delir Corrêa. Entrevista de história oral concedida ao projeto Remanescentes do Massacre de Manguinhos*, 2018. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 38p.

Projeto: Remanescentes de Manguinhos

Depoente: Delir Correa (DC)

Entrevistadores: Laurinda Rosa Maciel (LM) e Pedro Jurberg (PJ)

Data: 16/03/2018

LM: Bom, então nós estamos aqui eu Laurinda Rosa Maciel e o Dr. Pedro Jurberg com a Dra. Delir Maués... depois a senhora diz o seu nome todo... Da Serra Freire, né? Tem um nome comprido eu me lembro.

DC: E antes tem outros nomes também.

LM: **(Risos)**

DC: Corrêa Gomes Maués da Serra Freire.

LM: Poxa vida!

DC: Não foi culpa minha não.

LM: Um nome quase imperial, né? **(Risos)**. Aristocrático. Hoje é dia 16 de março de 2018 e nós estamos aqui no laboratório de Helminologia do Instituto Oswaldo Cruz aqui no Rio de Janeiro.

DC: Helmintos Parasitos de Vertebrados.

LM: Laboratório de Helmintos Parasitos de Vertebrados.

DC: É. Do IOC.

LM: Dra. Delir, pra começar a gente gostaria que a senhora fizesse uma breve introdução da senhora, tipo o nome todo, esse nome extenso, se a senhora se sentir à vontade, quando foi e em que local a senhora nasceu, e a universidade, né? Que local que estudou.

PJ: A idade também.

LM: A idade se quiser. **(Risos)**

DC: Ah, não faz mal não, eu não me incomodo não.

LM: Porque tem gente que não gosta.

DC: Ainda todo mundo: “Ah, não parece!” **(Risos)**

LM: É. É ótimo ouvir isso, né?

PJ: Está acostumada.

LM: Então é isso, pra começar a gente queria que a senhora fizesse essa breve introduçãozinha pra gente.

PJ: Nome...

DC: Está bom. Meu nome é Delir Correa Gomes Maués da Serra Freire. Eu estudei na antiga universidade do Estado da Guanabara, que agora é UERJ, né?

LM: Era UEG?

DC: Era UEG, quando eu me formei era UEG. Meu diploma ainda é de UEG.

LM: Da UEG.

DC: É. Depois eu... aí eu já comecei... quando eu comecei a universidade, eu já comecei a estagiar aqui... por sinal o [Lauro] Travassos, eu tive a oportunidade de vir com uma conhecida que me trouxe aqui e eu conheci o Travassos e ele me mostrou e eu gostei. “Ah, como é que a gente faz pra trabalhar aqui?”

LM: Estava em que período da faculdade?

DC: Ainda não estava na faculdade, no início?

LM: Ah, ainda não estava.

LM: Eu estava fazendo vestibular. Tinha feito vestibular pra medicina, mas não tinha passado e meu pai queria que eu fizesse medicina. Aí o Travassos falou: “Mas por que você não faz isso aqui? Aí digo: “Mas tem que fazer medicina?” Ele falou assim: “Não, você pode fazer...” no meu tempo era história natural, agora é biologia.

LM: Certo.

DC: Aí ele disse: “Não, pode fazer.”. Aí eu fiz concurso, passei pra a universidade, consegui o estágio. Antigamente a gente começava a estagiar não ganhava nada. A gente vinha e fazia o estágio, era bom e aprendia, né?

LM: E a senhora começou aqui quando?

DC: Olha, na realidade eu comecei a frequentar a partir de dezembro de 61. Eu comecei a vir e aí passei na universidade...

LM: Em 62 começou a graduação?

DC: É. Em 62 eu comecei a graduação.

LM: E aí a senhora já estava...

DC: É. E aí a gente... aqui também tinha uma norma aqui no laboratório, a gente só ganhava bolsa depois que fizesse o curso, porque tinha o curso de helmintologia de três meses, né? Se passasse aí publicava um trabalho, fazia parte de um trabalho, foi assim que eu comecei aqui.

LM: Certo. E a senhora nasceu onde?

DC: Eu nasci no Rio de Janeiro.

LM: Ah, é carioca mesmo, né?

DC: É. Sou carioca mesmo.

PJ: Nasceu no Méier?

DC: Não, não nasci no Méier, eu nasci no meu tempo ainda era... Coisa de parteira em casa.

LM: Nossa!

DC: Eu nasci em Cavalcanti.

LM: Em Cavalcanti.

DC: Cavalcanti, perto de Cascadura, conhece? Eu nasci em Cavalcanti. Eu nasci de oito meses...

LM: Nossa!

DC: Me botaram em uma caixa de sapato.

LM: E parto em casa!

DC: Por isso que eu gosto tanto de sapato. Minha mãe descobriu (**Risos**) eu gosto tanto de sapato...

LM: Gente, no parto em casa e de oito meses! Caramba!

DC: É.

PJ: Naquela época.

DC: Naquela época, né? Eu sei que eu tinha uma irmã mais velha, até que ela faleceu, na época ela estava doente, estava... tinha morrido pelo que eu sei...

LM: Ou seja, a senhora cabia numa caixa de sapato. Essa é a questão.

DC: Aí diz que meu pai falou assim: “Ih! acho que nós vamos perder essa também.”. (**Ri**) Porque eu era pequenininha numa caixa de sapato, né?

LM: E já tinha perdido a outra?

DC: A outra já estava... perdeu logo depois.

LM: Ah tá!

PJ: Eu me lembro muito do seu pai, da imagem dele e de sua mãe.

DC: Você lembra?

PJ: É, eu me lembro da gente ir no Méier.

DC: Ah, no Méier, é no Méier.

PJ: No Méier, eu me lembro deles.

DC: Aí depois eu fui morar no Méier, nós fomos morar no Méier...

PJ: Isso já faz uns 50 anos, então que nos conhecemos.

LM: É, anos 60, né?

DC: É.

LM: Então, Pedro...

PJ: Bem, aí vamos agora seguir. Data de nascimento.

LM: Não, ela já...

PJ: Não, a data não falou.

LM: Não, a data não falou, é. **(Risos)**

DC: O que é?

PJ: Data do nascimento.

DC: 04 de setembro de 1938.

PJ: Você se lembra na época da cassação, que idade você tinha? A gente pode fazer as contas, né? Foi em 60 e... quando é que foi?

LM: 68, 70, por aí. Tinha uns 30 e poucos anos.

PJ: 30 e poucos anos.

DC: Por aí.

PJ: Nacionalidade, natural...

LM: Do Rio de Janeiro.

PJ: Área de formação você já falou...

DC: Só não falei... a de pós-graduação eu não falei.

PJ: Ah não, agora vai saber, a sua pós-graduação?

DC: A minha pós-graduação foi mestrado e doutorado em medicina veterinária na Universidade [Federal] Rural [do Rio de Janeiro].

PJ: Do período assim, você se lembra?

LM: Lembra?

DC: Eu tenho que lembrar porque foi em 75 mais ou menos... 70 e pouco. Porque teve uma coisa... porque quando nós começamos aqui, logo no início que eu comecei, não tinha muito esse negócio de pós-graduação não.

LM: Sim.

DC: E aí já tinha estagiário, já tinha bolsistas aqui e aí os estagiários que estavam saindo da universidade começaram. Eu falei: Ué! os estagiários vão ter uma titulação maior que...

LM: É.

DC: Aí foi quando eu me candidatei a fazer lá na universidade.

PJ: Isso é um problema da nossa geração.

DC: É.

PJ: Todos os estagiários tinham mestrado, doutorado, disse: “Poxa, está faltando o nosso” (**Risos**) aí fomos alunos mais velhos fazendo o curso.

DC: É, mas foi bom que a gente vai...

LM: É, faz com outra visão também.

DC: Outra visão.

LM: Tem outro aproveitamento.

PJ: E você acaba contribuindo pro curso.

LM: DC: É.

PJ: Acabou contribuindo pro curso, sabia-se mais determinadas coisas. Você fez outros cursos assim que... algum curso?

DC: Aqui eu fiz entomologia, antes até de fazer helmintologia, fiz um tempo com o Dr. Hermann [Gonçalves Schatzmayr], Dr. Hugo [Souza Lopes], Dr. Sebastião [José de Oliveira]. E... depois eu fiz o... quando eu estava já aqui há algum tempo, antes do mestrado, tinham começado... Naquela época do [Francisco de Paula da Rocha] Lagoa, um curso de aplicação que estava substituindo o curso do Oswaldo Cruz.

LM: Sim.

PJ: Você chegou a fazer esse curso?

DC: Sim. Mas aí a gente tinha que fazer. Eu concorri. Nós que éramos bolsistas, não éramos funcionários... naquela época eu não era funcionária, tive que concorrer, fazer o concurso público junto com outras pessoas de fora. Aí passei, fiz o curso. Cada matéria se a gente não passasse, caía fora.

LM: Entendi.

DC: Era jubilado. E aí eu fiz o curso, graças a Deus acabei, passei. (ri)

LM: Que bom!

DC: E aí na época era um contrato, logo depois fui contratada, depois que a gente passou pra...

PJ: A outra pergunta é: como você ingressou no Instituto Oswaldo Cruz? Aí é o que você está falando. Então, foi através do curso.

DC: Passou o curso, aí passamos a ter um contrato CLT, né? Depois é que passou pra funcionário público.

LM: Ah, nos anos 80 eu acho, né?

DC: Por aí. Anos 80 não, foi um pouco antes.

LM: Foi um pouco antes?

DC: Foi antes de eu fazer o doutorado e mestrado.

LM: É.

DC: Foi antes, bem antes. Agora não me lembro.

PJ: E foi nesse laboratório de helmintologia?

DC: O quê?

PJ: Que você entrou? Você começou a trabalhar aqui?

DC: Foi, foi. Nunca mais eu saí daqui.

LM: Então, a senhora trabalhou a vida toda aqui nesse laboratório?

DC: A vida toda.

LM: Nossa! 50 anos.

PJ: E quem dirigia o laboratório na época?

DC: Na época que eu cheguei, o Travassos já estava aposentado e o chefe era o Dr. [João Ferreira] Teixeira de Freitas.

PJ: Teixeira de Freitas.

DC: É. Ele que¹ era o chefe do laboratório, mas o Dr. Travassos frequentava o laboratório e estava tudo bem.

LM: Sim.

PJ: Algumas perguntas a gente consegue deduzir, mas só pra seguir aqui a ordem, você já era formada, graduada na época que você ingressou?

DC: Que eu ingressei?

PJ: É. Aqui na fundação...

DC: É... quando eu ingressei eu já era formada, que eu acabei o curso... Eu acho quando eu acabei o curso de aplicação eu já tinha sido... já estava formada. É, o curso de aplicação eu já estava formada.

LM: Tá.

PJ: Aí: “Tinha alguma experiência prévia?” Você já falou que tinha... que começou a trabalhar aqui.

DC: Com o Travassos e com o Teixeira, mas depois eu fiquei mais com o Dr. Teixeira, porque o Travassos ficava só na coordenação.

LM: Entendi.

DC: Mas o Dr. Teixeira foi com quem eu trabalhei mais.

LM: É o que fazia o trabalho mais prático, de laboratório, de...

DC: De laboratório. E depois tinha os cursos do Instituto. Depois teve os cursos que a gente participava como professor, como ajudante, esses negócios todos.

PJ: Aí uma pergunta mais geral: o que te levou a procurar... vou fazer as três só pra você se situar, pode responder numa só. O que te levou a procurar o IOC, quais atividades no laboratório, quem eram os colegas? Se você podia falar da época de como era... Eu me lembro da época como a gente...

¹ A depoente emprega “foi”, provavelmente em comparação com seu tempo de experiência no IOC.

DC: É, o que me levou é o que eu já disse antes, né? O Travassos me conquistou, tive a sorte, né?

PJ: É, ele... a figura dele.

DC: Até hoje eu agradeço a ele eu ter feito o que queria fazer na universidade, que eu não queria fazer medicina... Me achei na...

LM: Nas ciências naturais.

DC: É.

LM: História natural, né?

DC: História natural que é biologia. Agora não tem o que a gente tinha, que a gente tinha tudo, né? A gente não tinha só...

LM: Reinos vivos... Seres vivos em geral, né?

DC: E tudo. A gente tinha mineralogia, tinha anatomia, tinha todas...

[10:00 min]

LM: Nossa! era um curso bem amplo, né?

DC: Era bem amplo. E aí eu continuei, me achei aqui, gostei, nunca deixei.

LM: Que bom!

DC: Os meus colegas... Na época tinha como colega... tinha muita gente. Alguns já eram, né? Que é o Henrique de Oliveira Rodrigues, tinha o Paulo tinha depois... aí tinha também o Dr. Domingos, Dr. Mendonça e o pessoal que já era mais velho que estava aqui, né?

LM: Domingos é...

DC: Arthur Machado Filho.

PJ: Que também foi cassado, né?

DC: Também. Esse foi o único aqui do laboratório que foi cassado.

LM: Certo.

PJ: Ele era uma figura interessante, porque ele era um excelente clínico e atendia as pessoas de graça numa hora, entendeu? Fazia uma fila.

DC: É, ele chegava cedo pela manhã... antigamente a gente não tinha esse muro...²

LM: Sim.

DC: Aqui era aberto. Então a gente tinha a passagem ali pra a comunidade. A comunidade começou com os próprios funcionários no tempo do Oswaldo Cruz, que era um terreno até da Fundação, do IOC.

LM: Sim. Devia ser...

DC: E aí eles começaram...

LM: ...que era muito próximo.

DC: E muita gente que trabalhava naquela época, trabalhava aqui e morava ali, né? Então a comunidade vinha de manhã e ele atendia. Uma parte da manhã ele atendia as pessoas.

LM: Que legal!

PJ: E era um excelente médico!

DC: Tanto é, que se você olharem ali na altura do Mandela, a escola tem o nome dele.

LM: É?

DC: É. Aquela escola que fica aqui na [Avenida] Leopoldo Bulhões.

LM: Sim, sim.

DC: Perto ali da Mandela, perto ali daquele Correios.

LM: E tem o nome dele?

DC: Tem o nome dele.

LM: Ah, que legal!

DC: Arthur Machado Filho.

LM: Que homenagem bacana, né? Hum-hum.

² O local ao qual a depoente se refere é a divisa entre o IOC e a Comunidade do Amorim.

PJ: Bem, o vínculo financeiro você já falou quando veio só contratada e a bolsa deve ter saído depois de você ter feito o curso.

DC: É. Primeiro foi bolsa, depois foi o contrato, depois mudou, né? Aí tivemos... fomos avaliados, teve uma época que fomos avaliados pelo currículo, aí fomos... teve uma avaliação... A gente tinha que defender o currículo, um trabalho...

PJ: Concurso interno.

DC: Um concurso interno com intitulação, o trabalho, fazia apresentação e aí nós passamos a ser servidores.

PJ: Aqui você...

LM: Acho que já foi tudo.

PJ: Qual a localização do seu laboratório? A mesma.

DC: A mesma.

PJ: E aqui nós temos uma briga. Está entendendo?

LM: Ah é?!

PJ: Uma pequena briga, porque quando nós estávamos naquele prédio, eu queria botar o nome do prédio...

LM: Qual prédio?

PJ: O prédio da biologia.

LM: Sim.

PJ: De Hugo de Souza Lopes, mas só que o Hugo de Souza Lopes tinha um defeito, ele estava vivo e não dava nome do prédio. Aí eu me lembrei do Lauro Travassos que era o pai de todo mundo. Quando eu botei Lauro Travassos, eu até tenho um arrependimento disso, foi sem conversar com o pessoal daqui. O pessoal ficou meio triste. E hoje a gente está tentando trazer o nome do Lauro Travassos pra cá e botar o Hugo de Souza Lopes lá.

DC: Mas o que aconteceu mesmo, nós já íamos botar Lauro Travassos aqui, mas na época o Dr. Estácio, que era virologista na ala A, ele na hora... já estava com a placa pronta e tudo, ele quis botar... ele era vice-presidente, ele era uma coisa assim, ele mudou pra...

PJ: E ele tinha um poder, que ele era ligado ao [Francisco de Paula da] Rocha Lagoa.

DC: É, é.

LM: Sim. E foi nessa época.

DC: Aí ele mudou na hora... aí ficou... aí por isso foi o nome pra você, então vai pra onde o pessoal quer o Lauro Travassos.

PJ: Então, eu não preciso ficar com... até hoje eu tenho a consciência pesada.

DC: Não! Não precisa ficar... não.

PJ: Eu digo: “Pô, a gente faz algumas coisas e não percebe que as consequências vão além.”.

LM: **(Rindo)** É.

DC: Não. Não, mas não foi... vocês ganharam porque nós não conseguimos botar aqui.

PJ: De coração o Hugo de Souza Lopes aqui e tal. E como o Hugo de Souza Lopes tem o quadro dele lá, o Lauro Travassos lá então está bem representado porque ele era o pai de todos nós...

DC: É.

PJ: Ele era o Herman Lent...

DC: O Dr. Hugo e tudo.

PJ: Dr. Hugo...

DC: Ih, Dr. Hugo era... ele todos os dias vinha cumprimentar o Travassos aqui.

PJ: É, eles tinham uma... ideologicamente eles eram muitos separados e tinham uma amizade. Então, o Dr. Travassos disse pra mim assim: “Eu acho que a voz operária... Quem fez a assinatura foi o Hugo, pra me...” **(Risos)** chatear, não falou sacanear.

LM: É.

PJ: Aí eu falei com o Dr. Hugo [de Souza Lopes], o Dr. Hugo disse assim: “Eu acho que foi então o [Wladimir] Lobato [Paraense] que fez a assinatura das Seleções.”... (risos)

LM: **(Risos)** Por que? Um fazia assinatura pra o outro receber? **(rindo)**

PJ: Devia fazer. **(Rindo)** Fazia e mandava de presente.

DC: “Eu acho que foi ele, que até hoje eu recebo Seleções.

LM: **(Risos)**

DC: Agora, eram duas almas boníssimas. Todos os dois eram caracterizados por serem extremamente carinhosos, extremamente cultos, inteligentes e de uma bondade! Irradiavam bondade, o [Lauro] Travassos e o Dr. Hugo [de Souza Lopes].

DC: Ah, Dr. Hugo era também muito bom! muito carinhoso, muito ético. Tenho muito boas memórias dele. Embora não fosse a minha área de coisa, mas ele era ótimo.

PJ: Hum-hum.

DC: O Dr. Hugo estava sempre calmo, né? Ele tinha sempre uma paz, ele estava sempre pronto a falar com as pessoas, o Dr. Hugo tinha isso também.

PJ: Deixa eu fazer uma pergunta: existe algum livro escrito sobre o Lauro Travassos, um livro?

DC: Um livro?

PJ: Contando a vida e a história.

DC: Assim não tem nenhum diretamente.

LM: E a senhora não tem noção se foi feito, se alguém fez, se existe?

DC: Não tenho não, não tenho não. Pra falar a verdade não tenho.

LM: Sim.

PJ: Eu vou um pouquinho mais, não está aqui na entrevista, mas... O Lauro Travassos tem uma obra, ele devia ter centenas de trabalhos. Além de helmintologia ele trabalhava com...

DC: Borboletas.

PJ: ...borboletas.

DC: E tem algumas passagens, eu não sei se é pertinente no meio da coisa...

LM: Pode contar.

PJ: O Lauro Travassos tinha uma história muito interessante, ele admirava um sujeito que cuidava de... que estudava borboleta e... o cara publicava em francês. E ele um dia ele está aqui e entra um sujeito com uma pergunta, ele também publicava sobre borboleta, e entrou um carteiro e ele disse: “Não, eu sou o fulano...” Eu não consigo me lembrar, D’Almeida...

DC: Eu esqueci agora o nome dele.

PJ: Almeida, eu acho que Almeida.

LM: Que era o cara que publicava?

PJ: E ele descobriu o carteiro. O carteiro andava distribuindo carta com uma varinha e uns paninhos pendurados pra atrair borboleta e escrevia em francês. Aí o doutor Travassos...

LM: Que coisa inusitada!

PJ: ...ele trouxe esse D’Almeida, fez uma transferência lá pra ele deixar de ser carteiro pra trabalhar só com borboleta.

LM: Gente, que ótimo!

DC: Ele tinha uma coleção enorme de borboletas. Quando eu peguei a chefia...

PJ: Manuel D’Almeida, eu acho.

DC: Eu acho que sim, não me lembro. Aí, eu peguei toda a coleção de borboletas... que a coleção, é uma coleção... é da coleção entomológica.

LM: É.

DC: (inaudível) diferente dos helmintos, né?

LM: Sim.

DC: E a gente vai perdendo os técnicos.

LM: Isso.

DC: Que naquela época a gente tinha mais técnicos, que a gente não tem agora. Aí eu passei toda a coleção pra coleção entomológica no Castelo. Eu digo: “O certo é essa coleção ir pra lá.”. Então a coleção de borboletas do Travassos foi toda pra o Castelo.

LM: Hum-hum. Junto com entomologia?

DC: Junto com entomologia.

LM: É o Dr. Marcelo Pelágio que cuida, não?

DC: Não.

LM: Não?

DC: Não, não, não. Até agora era a Jane [Costa] que era a...

PJ: A curadora.

DC: A curadora.

LM: Tá. Hum-hum.

PJ: O Dr. Hugo trabalhava com insetos e colecionava moluscos.

DC: Mas o Dr. Hugo trabalhava mais com moluscos, né?

PJ: Não, não, com insetos. Ele tem 400 trabalhos.

DC: É, mas de moluscos também ele tinha toda uma...

PJ: Tinha.

DC: Ele tinha na época que eu me lembro por causa dos hospedeiros o Dr. Hugo era considerado o melhor malacologista.

PJ: Era.

DC: E aí tinha briga com o [Wladimir] Lobato [Paraense], né?

LM: É. **(Risos)**

PJ: Não, aí quando o Lobato... O Dr. Hugo tinha... eu entrei aqui através do Dr. Hugo. O Dr. Hugo disse o seguinte: “Ó, diz lá o código de nomenclatura que quando tem dois sujeitos estudando o

mesmo bicho e o outro está mais avançado, se você encontrar as coisas você dá prioridade pra ele.”.

LM: Dá o nome do outro.

PJ: “...Dá prioridade pra ele, dá prioridade do trabalho.”. O Dr. Hugo disse: “Você não vai trabalhar com caramujo, que Lobato está trabalhando e o Lobato já trabalha nisso.”. Aí a gente fazia uns caramujos que não tinha nenhum...

DC: O Lobato trabalhava muito com o *Bionphalaria*, né?

PJ: *Bionphalaria*, é. E a gente dessecava, começou a trabalhar dissecando *Bionphalaria*, mas ele não queria que a gente trabalhasse com o *Bionphalaria* por uma questão ética. Naquele tempo existia ética, hoje essas coisas não existem mais.

LM: Não.

DC: As pessoas ficam muito independentes também, né? Antigamente você tinha mais...

LM: Um trabalho mais institucional.

DC: Mais institucional, é.

LM: É. Mais orgânico, né?

DC: É.

LM: Exatamente.

[20:00 min]

PJ: “Descrever um ambiente físico do seu laboratório”. Lindo, maravilhoso e preservado como hoje.

DC: Eu acho. **(Risos dos 3)**

PJ: **(Rindo)** eu descrevi.

DC: A gente tenta. Eu sei que os recursos cada vez ficam... Agora então está bem escasso, né?

LM: É.

DC: A gente tentou botar as coisas pra obedecer às ordens, que a gente antigamente não tinha tanta... era mais... Como é que se diz?

LM: Menos burocratizado?

DC: Menos burocratizado, aquele negócio todo. Então depois conseguimos. Aumentou também o número de pessoas, aí dividimos as salas. Uma sala pra isso e uma sala pra aquilo, né? Agora, por exemplo, nós conseguimos... eu consegui passar uma sala só pra o pessoal trabalhar só com o material pra não se contaminar e poder trabalhar, não ficar uma sala... porque antigamente você entrava aqui e era só cheiro de creosoto. Agora...

LM: Que é o líquido pra manter, né?

DC: Para manter e que a gente trabalhava até fazer os definitivos, as (**inaudível**) definitivos, o material líquido definitivo, né?

LM: Sei.

DC: Exatamente isso.

PJ: Você saía daqui com o cheiro de dentista.

DC: A roupa da gente. A gente entrava na condução o pessoal: “Ih, está um cheiro de dentista!

LM: É. De dentista.

DC: A gente fingia que não era com a gente.

LM: (**Risos**)

PJ: Era verdade.

DC: A gente saía daqui ia pra a universidade e esse negócio todo, a gente chegava na universidade cheirando também.

PJ: A dentista, exatamente. É um cheiro que hoje não tem mais. Hoje se trabalha com outro líquido.

DC: A gente trabalha com creosoto também, mas a gente trabalha numa sala tudo protegido, tem – como é? - exaustor, tem a câmara com exaustor pra pessoa trabalhar só ali pra não passar...

LM: Por isso o cheiro não se espalha como antigamente.

DC: É.

PJ: Impregnava.

LM: É.

DC: Impregnava a alma da gente, era terrível!

PJ: Era o perfume da gente.

LM: (Riso)

DC: É. A gente tinha até três anos atrás também... a coleção ontológica a gente tinha uns armários aqui, que é a outra sala, se vocês quiserem depois eu mostro.

LM: Eu quero sim.

DC: Tinha uns armários antigos desde que eu cheguei aqui, mas passaram a ficar... não eram práticos pra gente que as gavetas no alto, ainda mais que...

LM: Sim.

DC: Então nós conseguimos...

LM: Trocou o mobiliário?

DC: Conseguimos um projeto junto com o pessoal do Preservo³, que é do BNDES, e conseguimos uns armários deslizantes. Nós temos armários até pra mais de 50 anos aí.

LM: Nossa, que beleza!

DC: Posso mostrar depois a vocês.

LM: Quero ver sim.

PJ: Bem, agora... e aí seu chefe... tinha o doutor [Lauro] Travassos e tinha o...

LM: Dr. Hugo [de Souza Lopes]?

³ A depoente se refere ao projeto Preservo: Complexo de Acervos da Fiocruz, destinado à preservação, organização e modernização de parte do extenso patrimônio científico e cultural da Fundação, com financiamento do BNDES. Coordenado pela Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), o Preservo conta com a parceria do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) e o Instituto de Comunicação e Informação Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz). Os recursos são geridos pela Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico em Saúde (Fiotec).

PJ: Não.

DC: O oficial mesmo que estava como chefe perante a instituição era o Dr. Teixeira de Freitas.

PJ: Então vamos falar do Teixeira. Como era seu chefe?

DC: Olha... eu me dava muito bem com ele. Teixeira era meio fechado, mas a gente trabalhava muito bem junto. Ele tinha uma hora que ele dava atenção a todos. E antigamente não tinha problema a gente trabalhava até tarde, às vezes quando acabava uma coisa, a gente tivesse que discutir algum trabalho a gente discutia com ele depois de seis horas da tarde se ele estava aqui...

PJ: Não tinha problema de sair.

DC: Se ele precisava ver o nosso material, confirmar aquilo que nós vimos se estava certo, estava errado, via essa hora. E ele era muito acessível.

PJ: E ele se relacionava com os demais da mesma maneira, né?

DC: Da mesma maneira.

PJ: Eu me lembro que ele era sujeito sério, sisudo, alto.

DC: Ele parecia ser meio coisa, as pessoas que não tinham contato direto com ele achavam ele meio fechado.

LM: Achavam ele muito carrancudo.

DC: Mas não, ele me chamava “minha filha”. Até quando ele sofreu o acidente eu cheguei lá... porque ele ia embora de carro da Fundação e sofreu um acidente, né? Ele foi primeiro pra o [Hospital] Souza Aguiar depois o [Rocha] Lagoa transferiu ele pra o Servidores, o Hospital dos Servidores Públicos, aquele que é lá na...

LM: Na praça Mauá?

PJ: Ele estava nessa época com o Marilúcio. Você se lembra do Marilúcio? Era um rapaz que trabalhava na gráfica.

DC: Ah sim. É.

PJ: E aí nessa passagem ele devia estar... Naquela época da cassação... Depois a gente vai falar um pouco da cassação. Era época da cassação... agora vou falar um pouco da cassação. Então era

época da cassação, ele estava com uma pasta que devia ser os documentos, que estava aquele negócio... E ele só dizia pro... - vê se você confirma - Eu me lembro que foi o Marilúcio que me contou isso – “Essa pasta tem documentos oficiais, ninguém pode mexer, toma conta dessa pasta.”.

DC: Isso eu não sei.

PJ: E o Marilúcio contou que ele estava no carro... o Marilúcio não sofreu nada e ele ficou doente depois do acidente...

DC: Não, ele sofreu o acidente, que ele sofreu umas coisas, ele já tinha um problema, já tinha tido um infarto, uma coisa assim, e sofreu... eu não sei se ele até teve uma fratura na perna e esse negócio todo. Eu sei quando eu cheguei no Hospital, que antigamente ‘Servidores’ [Hospital dos Servidores do Estado], ele falou assim: “Minha filha, eu não estou bem.”. Falou pra mim. Ele tinha mulher, mas ele tinha um problema com a mulher dele. Eu falei: “O que o senhor está sentindo?” Estou sentindo isso, isso e isso.”. “Espera aí.”. Aí eu fui no médico, lá na sala dos médicos, eu digo: “Ele não está bem.”. Ele disse: “Não, ele está sendo tratado, já viu...” Eu digo: “Não, mas vocês sabem que ele tem uma úlcera estomacal, que ele toma remédio, que ele...” “Ah não, não sabia.”. Aí saíram correndo e aí viram que tinha que operar que estava com uma hemorragia interna, mas ele não saiu da mesa de cirurgia.

PJ: A gente tem uma ideia... eu não posso dizer ideia porque faz parte do trabalho, mas se falava de política da instituição no departamento? Quer dizer, o Dr. Hugo tinha uma atitude... aqui se discutia se a instituição ia bem, ia mal ou com os pesquisadores jovens e com os estagiários, se discutia política institucional?

DC: Olha, a gente não tinha...

LM: Considerando o momento, né?

DC: É.

LM: Que estava em uma ditadura e tudo.

DC: E a gente que era mais... os estudantes que era os mais jovens, eles podiam discutir entre eles, mas a gente não participava.

LM: Existia essa demarcação?

DC: É. Então as discussões mais coisas eles faziam entre eles, a gente não sabia. Uma hora a gente podia saber uma coisa.

LM: Mas com você não havia esse tipo de discussão.

DC: Não, não, não.

LM: ...de contato? Hum-hum. E entre vocês?

DC: Entre a gente também podia se comentar qualquer coisa, mas a gente não tinha muita noção das coisas, porque essas coisas todas aconteciam muito fechadas, né? Quando a gente via acontecer um negócio... por exemplo, quando houve a cassação: “está cassando”, não sei o que lá.”. A gente não sabia direito porquê. E na fase também de estudante, de novos a gente não participava diretamente como se participa hoje em dia, né?

LM: Da vida política. Tá. Hum-hum.

PJ: A outra pergunta que... seu chefe era atuante politicamente dentro da instituição? Quer dizer tomava...

LM: O Dr. Teixeira...

DC: O Dr. Teixeira era bem fechado, ele ficava muito... que o Teixeira era muito ligado ao trabalho, ele pegava o trabalho... ele era muito desligado dessas coisas e depois que ele teve... Inclusive quando aconteceu isso, ele já tinha tido um infarto, então ele já ficava mais... já vinha trabalhar, mas não participava muito dessas coisas.

PJ: E outra pergunta. E na política governamental, quando você responde isso, **(rindo)** provavelmente está respondido.

LM: Está respondido.

DC: Isso aí.

PJ: Mas eu tenho só que seguir o roteiro pra não me perder. Ele trabalhava em outros locais?

DC: Não.

PJ: Porque a gente naquela época tinha um negócio de tempo integral, não tempo integral.

DC: É.

PJ: Aliás, isso é desde do Oswaldo Cruz. Oswaldo Cruz foi processado porque tinha dois empregos.

LM: É.

PJ: E o cara levantou um processo porque o Oswaldo Cruz tinha dois empregos. Então isso vem... desde daquela época e a gente passa por isso.

DC: Não, o Teixeira era integral, ele não trabalhava em outro lugar não. Quem trabalhava em outro lugar era o Domingão [Domingos Arthur Machado Filho e o [Jayade Machado] Mendonça. O Domingão tinha consultório, trabalhava... e o Mendonça trabalhava na Fluminense, né? Mas o Teixeira era integral.

PJ: Havia rigidez no cumprimento do horário?

DC: Olha, tinha uma certa rigidez sim. E tinha uma coisa que era terror, a gente batia ponto, depois que era coisa a gente batia ponto, né? E a gente ficava, porque antigamente você não tinha... sempre que a gente tinha tempo, se a gente não estava na universidade, não estava fazendo curso...

LM: Estava aqui, trabalhando.

DC: A gente podia ficar, a gente ficava aqui até tarde, chegava cedo, ficava até tarde. Então não tinha...

PJ: O ponto era uma mera formalidade porque à época a gente vinha pra cá sábado, domingo, se tivesse um trabalho vinha e era um prazer.

DC: Não tinha restrição de horário de trabalho, né?

LM: Entendi. Hum-hum.

[30:00 min]

PJ: O seu chefe foi um dos poucos que não foram cassados, né? E como é que se reagiu a isso? Como é que o grupo todo ficou com a cassação? A pergunta é assim: “Como reagiu à cassação de seus colegas ou seu chefe?” O seu chefe a gente sabia... eu acho que ele faleceu exatamente na época da cassação.

DC: Quase na época... é, quando estava acontecendo isso. Agora eu não me lembro se ele soube que o Domingos foi cassado. E nós não éramos nada, nós não mandávamos nada. Aconteceu aquilo

em cima da gente, né? O Travassos por sua vez já estava internado no hospital aqui. A gente até: “Ah, doutor Teixeira esteve aqui, o senhor não se lembra?” que nós não falamos pro Travassos que o Teixeira tinha falecido.

LM: Entendi.

DC: Então a gente estava muito envolvido⁴ nisso, né?

LM: Sim.

DC: Então a gente não tinha muito...

LM: É. E a senhora mesmo falou que quando veio a coisa da cassação vocês ficaram: “Ó, houve isso?”.

DC: É.

LM: Quer dizer, por não ter muito essa conversa, né?

PJ: É, que a outra é como reagiu à cassação...

DC: Onde se tinha... que aqui embaixo, nesse andar de baixo, aqui nessa ala era o Dr. [Haity] Moussatché.

PJ: Era.

LM: Ah, o Dr. Haity.

DC: O Dr. Haity Moussatché que ele se dava muito bem com ele, com o pessoal todo dele e era mais com eles lá que a gente não tinha... a parte assim de política a gente não tinha contato.

LM: Sei.

PJ: Bem, na realidade, não foi a cassação, porque foi o falecimento do...

DC: É.

PJ: Aí ainda tem, como a cassação influenciou na sua atividade? Quer dizer, depois da cassação houve um momento que o instituto ficou meio a gente saber pra onde ir, isso influenciou no seu trabalho?

⁴ A depoente iniciou com o verbo “ligado”.

DC: Não influenciou não, que a gente continuava. E a gente também tinha...

LM: A senhora não teve essa sensação?

DC: Não, não dava porque a gente estava fazendo coisas e a gente tinha... Sabe, eu me lembro assim que a gente sentia que tinha obrigação de acabar aquilo que nós começamos com o Teixeira. Então, a nossa preocupação sempre foi o trabalho e dar prosseguimento, entendeu? Que eu me lembre a nossa preocupação maior foi essa.

PJ: Eu estou me abstendo dos comentários porque senão eu influencio, (**rindo**) que eu vivenciei a mesma situação.

DC: Não, pode falar.

PJ: Não, não, porque aí aparece na gravação, depois eu faço comentário exatamente...

DC: É lógico que algumas coisas a gente... ainda estava o Teixeira quando começou que achavam... alguns achavam ele: “Ah, porque ele é a favor, está a favor do outro lado.”.

PJ: Do Rocha Lagoa.

DC: “...que está cassando, do Rocha Lagoa”, e não era bem isso também.

LM: Hum-hum. Hum-hum.

PJ: Agora a pergunta é o seguinte, a gente olha pra trás, o que você acha que a cassação teve motivos políticos ou era uma briga entre o Rocha Lagoa, o Herman [Lent] e [Haity] Moussatché, você acha que foi pessoal ou foi assim político mesmo?

LM: E aí ele se aproveitou pra ...

DC: Olha, a sensação que eu tive foi que tinha uma coisa pessoal, que as coisas aconteceram assim muito assim individual. E o grupo que era (**inaudível**) sofreu.

LM: E o momento foi preciso pra isso.

DC: Foi preciso pra isso, entendeu? Usou. Na minha época nós achamos muito que tinha muito uma coisa pessoal, né? Tanto é que quando houve aquele... quando houve a volta deles... até eu e o José [Jurberg] nós estávamos... tem até foto da gente.

LM: Nos anos 80, né?

DC: Foi em frente ao Castelo.

LM: É.

DC: A coisa foi... foi bonito e tudo mais, nós até participamos, eu e o José estávamos lá no dia da festa. Não sei se antes também, já nem me lembro mais.

PJ: Agora a gente volta pra você, como é que você desenvolveu o seu trabalho, como é que você vê a instituição. Então a pergunta é assim, o que você fez em termos profissionais naquela época, o que foi que aconteceu na sua vida? Você publicou livros, trabalhos, viajou, o que você fez? Agora voltou pro pessoal. Sobre a instituição, tudo isso, porque a gente viu as suas atividades antes, viu a parte como aquilo te abalou ou não abalou...

LM: Hum-hum. Como passou por aquilo, né?

PJ: Como passou por aquilo, está entendendo? E agora vamos ver como você... aproveitar pra ver como você vê o instituto, o seu trabalho... é mais ou menos isso. O que você fez após, em termos profissionais, naquela época como é que você... também de qualquer jeito não foi o baque da cassação, mas foi o baque da saída do...

DC: Ah sim.

LM: É.

DC: Aí depois dessa... depois eu fiz os cursos de pós-graduação, os bolsistas também, a gente manteve o curso aqui. Aí eu trabalhei também no princípio com o Luiz Fernando lá na ENSP em algum curso de pós-graduação. Tudo começou assim, ainda não tinha aqui o curso aqui, aí depois quando o Dr. [José Rodrigues] Coura entrou, ele puxou o curso pra aqui, são os cursos de pós-graduação daqui. Mas no princípio a gente começou na ENSP, era parasitologia que era o Luiz Fernando [Ferreira da Silva] e eu e a microbiologia que era o Herman Lent e o atual que foi...

PJ: Leon [Rabinovitch]?

DC: Não. Biomanguinhos, um japonêsinho.

PJ: Ah, o Akira.

DC: O Akira.

LM: Akira Homma?

DC: O Akira que trabalhava com... ficaram com a virologia, microbiologia. E confirmava [o diagnóstico] com algumas pessoas por lá, né? Mas a maior parte foi feita aqui. E aí depois a gente deu continuidade ao trabalho com bolsistas, estagiários, orientação, participação em bancas, essas coisas todas e publicação dos trabalhos.

PJ: Eu me lembro que você teve uma coisa marcante no Joaquim Venâncio, né?

DC: Ah, sim!

PJ: Você vai esquecer isso? O Joaquim Venâncio foi importante...

DC: Não. Quando foi a posse do [Sérgio] Arouca em frente ao Castelo, o Luiz Fernando chegou perto de mim e tinha a mulher do Alceu, que eu não conhecia, que ela era lá do Joaquim Venâncio, ele chamou a gente, falou assim: “Olha, nos EUA eles chamam alguns estudantes de nível médio pra almoçar com um prêmio Nobel, nós não temos um prêmio Nobel, vamos fazer isso com pesquisador, deles frequentar uma vez um laboratório.”. Aí foi que nós instituímos o programa Voz Científica.

LM: Ah, o Provoc.

DC: O Provoc.

LM: Que legal!

DC: Começou comigo e com a Ana Maria.

PJ: Que o Arnon...

DC: Quem?

PJ: O Arnon meu filho fez e, pô, maravilhoso, né?

LM: É, ele fez?

PJ: Espetacular.

LM: Que legal!

DC: E aí nos primeiros anos assim eu dizia que eu tinha que namorar os pesquisadores, porque eu tinha que chegar lá, passar uma conversa neles pra atender uma criança. “Mas pra que uma criança vai entrar aqui?” ...não sei que lá - Mas depois eles conseguiram... Agora eles pedem.

LM: É.

DC: Já no nosso tempo pediam pra... se fazia toda uma seleção, tem toda uma...

LM: É. Eu já tive orientando do Provoc também.

DC: Já teve?

LM: Já tive uns quatro ou cinco. Já.

DC: Ah, que bom!

LM: É muito legal.

DC: Então nós começamos...

LM: No básico e no avançado também. Duas foram pro avançado.

DC: Até eles fizeram um livro agora do Provoc.

LM: É. Porque acho porque agora completou 30 anos, né?

DC: É, é.

LM: Uma coisa assim, teve uma publicação comemorativa.

DC: Tem uma publicação. A minha está aí...

LM: Mas isso foi uma grande atividade que a senhora fez.

DC: Foi. Foi muito bom. É muito gratificante, muito gratificante.

LM: Rendeu muitos frutos, né Dra. Delir? Muitos frutos.

DC: Eu me lembro perfeitamente... Você conhece o Marcelo Pelágio, né?

LM: Sim.

DC: O Marcelo Pelágio eu trouxe pela mão, nunca me esqueço isso.

LM: Olha!

DC: Eu trouxe pela mão porque no princípio a gente levava para cada pesquisador o aluno que foi direcionado pra aquilo...

LM: Isso.

DC: Pra apresentar, aquele negócio... Já estava o negócio feito mais burocraticamente, mais...

LM: É.

DC: E eu trouxe Marcelo Pelágio pra apresentar ao [Henrique] Lenzi e a Jane Lenzi agora ele é chefe de coisa.

LM: Pois é.

DC: E tem muitos já que trabalham aqui, que já são funcionários e tem outros que foram seguir outras coisas.

PJ: Eu acho que aqui eu inverti, tem até algumas perguntas que eu vou voltar um assunto atrás. Na época da cassação você se lembra quem era o diretor, era o Rocha Lagoa? Não me lembro.

DC: O Rocha Lagoa.

PJ: Era Rocha. Você se dava bem com ele?

DC: Olha, eu não tinha assim muito contato direto com ele, isso eu não tinha. Então eu não posso dizer... ele estava assim... eu sei que... eu não sei, ele estava, depois ele ficou como presidente, foi ministro ele, né? Ele foi pro coisa...

PJ: É.

DC: E aí quem entrou foi... Aí começaram a entrar o Oswaldo Cruz Filho, né?

PJ: Exato.

DC: E coisas assim. Quem tinha mais contato era a Ana França.

[40:00 min]

PJ: A Ana que trabalhou com o Oswaldo Cruz. As outras perguntas já estão respondidas. Eu vou fazer na ordem. Você sofreu algum tipo de perseguição na administração do Rocha Lagoa?

DC: Olha, eu assim coisa eu não tive nada não. Também eu acho que eu não era nada aqui, então não precisava me perseguir. **(Risos)**

LM: **(Risos)**

PJ: Finalmente a outra é: respondeu algum inquérito?

DC: Não.

PJ: Nunca te chamaram pra inquérito nenhum.

DC: Não.

PJ: “Teve que sair do IOC?” Você respondeu que passou o tempo todo. Sua vida profissional foi prejudicada com a passagem? Com a entrada do Rocha Lagoa?

DC: Não, diretamente não. A gente estava, foi seguindo, tínhamos que cumprir a coisa... Por exemplo, o negócio do curso que tinha que fazer, esses negócios todos, mas profissionalmente, diretamente não tinha nada que tivesse sido prejudicado, não posso falar isso.

LM: E indiretamente a senhora acha que houve algum prejuízo não?

DC: Indiretamente também não.

LM: Também não.

DC: Porque, a gente não era nada, a gente não tinha que... (**rindo**) éramos simples: ou bolsista ou no início de carreira.

LM: Entendi.

PJ: Então você acha que sua vida profissional não foi prejudicada pelo...?

DC: Não, não foi. Não posso dizer que deixei de... A única coisa foi uma época... não sei se você se lembra, Pedro, uma época que teve um corte que botaram invés de ser 40 horas passou a ser 20 horas, lembra?

PJ: Me lembro.

DC: E o salário também foi cortado ao meio.

LM: Ui!

DC: Aí, por exemplo, eu fiz concurso pra o estado, pra dar aula no estado, aí ficava metade do tempo aqui e dava aula no estado. Mas depois que acabou voltei rápido.

LM: É.

DC: Pedi demissão.

PJ: Mas isso não foi uma medida do Rocha Lagoa, foi uma medida do governo.

DC: Geral.

LM: Governamental geral. Nossa! Que horror, hein?

DC: É, foi.

LM: Ou seja, tudo é possível se fazer na vida de um servidor, né?

DC: Naquela época... você se lembra disso?

PJ: E ainda, né?

LM: Ainda é.

LM: Haja visto o que está acontecendo com a UERJ, né?

PJ: Ainda, agora com aposentados. Ainda.

LM: Pois é.

PJ: Atualmente quais são suas atividades? Volto de novo aos dias de hoje, terminando... já está no finzinho, tem quatro perguntas.

DC: Eu sou de carreira, da função de pesquisadora sou aposentada. Eu tenho cargo da chefia do laboratório.

LM: Um DAS.

DC: É. Um DAS comissionado, né?

PJ: Como é que você vê a instituição hoje?

DC: Olha, trabalhando a gente está conseguindo, mas está difícil. Tem muita burocracia que não se tinha tanta burocracia assim.

LM: Em relação a quê?

DC: Em relação assim, por exemplo, a gente pra fazer uma coisa é tanta coisa, tanto papel, tanto questionário... por exemplo, ontem mesmo eu estava até falando, aqui nós conseguimos... por exemplo, eu tenho passado... eu era curadora da Coleção [Helminológica], passei pra o Marcelo [Pelágio]. Estou passando porque isso não é feudo meu.

LM: É.

DC: Entendeu? Eu acho que os novos vêm e eu passei pra o meu chefe substituto, passei a curadoria da coleção pra ele, os orientados, os bolsistas tudo passo pra ele, entendeu? Só participo em trabalho junto, eu fico mais em uma coordenação geral assim.

Por exemplo, tem uma bolsista nossa que é muito boa, que a gente gosta muito que trabalha, nunca tem má vontade e acabou a bolsa dela e nós conseguimos... Vamos fazer o seguinte: vamos fazer um projeto pra ela pedir uma bolsa de pós-doutoramento, que ela já é doutora no CNPq.

E conseguimos. Mas aí, a bolsa é do CNPq, tudo mais. Se você ver a burocracia que é só pra incluir ela como está fazendo... ela não vai trabalhar no curso lá de pós-graduação, ele não ser aluna, ela é pesquisadora aqui, mas se você ver. Aí tem que se inscrever lá, que não sei o que lá, aí tem que responder um questionário com duas cópias. Eu tive que fazer um ofício, o orientador.

LM: É.

DC: Então, é muita coisa, sabe? É muita coisa assim burocrática.

LM: Hum-hum.

DC: Que muito questionários...

LM: Perde-se muito tempo, né?

DC: Quando você vê esse negócio do SisGen [Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado]...

LM: O que é o negócio do SisGen?

DC: Ah, nem gosto de...

LM: Ah, tá.

DC: É um negócio de material. Por exemplo, a gente tem toda uma lógica de coleção, de empréstimo e de depósito e agora tem toda uma burocracia. E o pessoal de fora, os estrangeiros, não estão gostando disso não.

LM: É.

DC: Eles já estão dizendo... já passei pra eles. Eles têm depósito. Aí o ICICT que é quem sempre faz os depósitos, os empréstimos, tem um formulário que é pra gente ter o controle, aí eles falam: “ah, se for assim eu não quero mais não.” Só pra receber, imagina se tiver que responder tudo isso que SisGen, esse negócio quer. Eu falei: o Brasil vai ficar isolado.

PJ: Dá uma desligadinha aqui...

LM: Isso. (Ri)

DC: Mas você concorda com esse...

DC: Eu acho muita burocracia. Por exemplo, a parte de pesquisa a gente... praticamente você quase não senta no... às vezes... “a senhora podia vir confirmar aqui uma coisa pra não sair errado?” Porque é muita coisa, muita coisa. Muita burocracia.

LM: Isso acaba afastando da bancada, né?

DC: Eu acho a burocracia muito grande, sabe?

PJ: Por isso, muito doutor sem fazer nada.

LM: Agora Doutora Delir, a senhora acha que isso piorou nos últimos 10, 15 anos ou?

DC: Eu acho que está piorando.

LM: Eu tenho essa impressão também.

DC: Acho que está piorando.

LM: Desde o Currículo Lattes, não é? Nossa, quando começou...

DC: E o pior é o seguinte: você responde a mesma coisa pra vários questionários, vários lugares.

LM: É.

DC: Eu falei: “Escuta, porque não olha o Currículo Lattes da gente?” Tira de lá.

LM: É.

DC: Não. Eles não olham o Currículo Lattes da gente.

LM: É verdade.

DC: O Currículo Lattes você tem que botar, é aqui que você tem que preencher... por exemplo, todo ano pra você ter a verba tem que correr atrás desse negócio todo de material, publicar os trabalhos pra poder aumentar a tua verba, para ver se você recebe alguma... Então você tem que fazer... eu, por exemplo, quando faço coleta do laboratório, não boto pra secretária fazer porque consertar é pior. Mas é toda uma formalidade, toda uma coisa, você tem que preencher uma porção de coisas, entendeu?

LM: Isso realmente é uma coisa que cansa, né? Que cansa, porque você não se sente produtivo.

DC: Eu tenho uma pessoa que trabalha nesse negócio de coleta que é o Sergio, é um rapaz muito bom e qualquer coisa... às vezes está lá... “pelo amor de Deus, não põe isso aqui que isso... por exemplo, o trabalho publicado que você tem que botar 2017... que tinha que fazer toda a produção de 2017. Mas a revista... a gente faz, publica com a data de 2017 quando já fechou a coleta e você vai perder porque ele não pode entrar em 2018 por a coleta, que é onde você vai ter... se conta os pontos do laboratórios, esse negócio todo pra distribuição da verba, eu digo: “vou perder isso?” Aí tem que correr atrás. Por sorte o rapaz é muito bom, o Sergio é uma pessoa muito coisa... mas ele tem que... Tem toda uma coisa... Ele tem que chegar lá, falar com a chefe dele: “Posso concluir?” “Já fechou, mas é com data de 2017”, entendeu? Então tem toda uma coisa que já não é tão fácil como era.

LM: E a gente se sente jogando o tempo fora, né? Eu me sinto assim com isso.

PJ: “Como vê a instituição hoje?”. Ela vê cada vez mais burocratizada.

DC: Eu acho.

PJ: E vê perspectiva? Do futuro institucional, alguma perspectiva pro instituto?

LM: Que avaliação que a senhora faz do papel da fundação hoje comparando com... sei lá, 50 anos atrás.

DC: Eu acho assim que a fundação tem um nome a zelar, né?

LM: Sim.

DC: Ela é considerada. Eu acho que ela tem que fazer uma força pra manter isso e não perder. Porque ela tem uma série de responsabilidades. Só que eu acho que cresceu muito, tem tanta unidade, né?

LM: É.

PJ: Você acha que a Fiocruz, quer dizer, como um todo, o instituto aproveitou o seu conhecimento? Porque pô você tem uma vida aqui, você acha que aproveitou ou o tempo vai passando, vai chegando novas coisas, novas pessoas e etc., e vão...

DC: Ah, eu vou falar a verdade... você dizer: “não é isso não”. Mas eu acho que não. Eu acho que eles estão... Eu sou eu, (**rindo**) eu não sou ninguém, não sou tão importante assim pra se levar em consideração.

PJ: Mas é um trabalho, é uma vida.

LM: A senhora tem uma vida aqui dentro.

PJ: Quantos trabalhos?

LM: Muitos trabalhos, orientou muita gente. Claro que tem um saber, né?

PJ: Em termo de divulgação, a Escola que você não falou bem da sua função, eu sei que você teve a... Joaquim Venâncio você teve muita influência lá pra a coisa. Mas e quantos trabalhos você tem publicados?

DC: Hum! Acho que cento e... Perto de 170 por aí. Tem que ver.

PJ: 170 é uma senhora contribuição.

LM: É uma senhora contribuição, uma senhora obra!

DC: Espero que tenha sido mesmo.

PJ: É uma senhora contribuição, mas a instituição faz algum uso disso, valoriza?

[50:00 min]

DC: Não sei. Porque eu tenho ideia... Também, Pedro, você também é, a gente não espera que eles cheguem e achem que a gente é maior, que a gente é grande coisa. Não é assim, né? Também. Eles dão valores a determinados... tem determinadas épocas, tem determinado tipo de trabalho, né? Tem outras épocas pra outro tipo de trabalho. Então a valorização do teu trabalho está muito ligado a isso, né? Então aí eu não sei, dizer francamente não sei.

Eu sei, por exemplo, que teve... que nós fomos avaliados, como foi meu caso, do José [Jurberg], da Iara e do José... não sei se a Iara, não me lembro, éramos oito, né? E éramos os chefes e fomos avaliados pra ver se a gente continuava como chefe e só assim passamos. Avaliaram nosso currículo, nossa vida e coisa e tal. Eu, o José que passamos e mais algumas pessoas passaram, cinco só.

PJ: De certa maneira é injusto porque na realidade se avalia pela, talvez, sua atividade do último ano e não se leva em conta uma vida.

LM: Toda a sua trajetória.

DC: Eu acho que levaram, pelo currículo da gente. Acho que levaram.

PJ: Que bom.

DC: E também... eu até entendo de uma certa forma porque o Ministério do Planejamento, com diminuição de verba, aquele negócio todo, que isso prejudica um pouco quem está na direção, né?

LM: Hum-hum. E aí teve que cortar o número de laboratórios, é isso?

DC: Não, teve que cortar o número de chefia, as pessoas de chefia.

LM: De chefia, cargos de chefia.

PJ: Vou falar uma coisa, você confirma ou não. As pessoas mais antigas, Delir, José e etc., não tinha chefia pra todas elas, porque era X e tinha menos Y, então, alguns ficaram fora porque não tinha chefia pra todas elas e essas pessoas têm uma tradição, tiveram um trabalho etc., Felizmente a Delir, o José [Jurberg]... por exemplo, o Leon [Rabinovitch] não recebeu.

LM: O Dr. Leon?!

PJ: É, o Leon não recebeu. Aí deram uma bolsa pra ele, mas ele perdeu *status*...

DC: De chefia.

LM: Entendi.

DC: ...De poder discutir, de participar dos conselhos.

LM: Caramba! Um cara com o trabalho dele, com a trajetória dele. Essas coisas burocráticas são terríveis também.

PJ: Eu acho que concluímos. Te agradeço de coração.

DC: Eu espero que tenha ajudado vocês, se ajudei, se foi o que vocês queriam.

LM: Ajudou sim, claro que sim. Então, podemos finalizar. A gente gostaria de agradecer a Dra. Delir a sua contribuição pra a nossa pesquisa. Obrigada.

DC: Foi um prazer. Espero que eu tenha ajudado.

LM: Com certeza!